

Luís Filipe F. R. Thomaz

NANBAN-JIN

Os Portugueses no Japão

gradiva

Índice

Prefácio	7
De Sagres a Tanegaxima	15
A lenta aproximação dos dois extremos	15
A pré-história da expansão lusitana	25
Os primeiros passos da aventura expansionista	34
A política ultramarina de D. João II e a dobragem do Cabo	54
O imperialismo manuelino e o Oriente	64
A criação do Estado Português da Índia e a busca dos confins.....	79
A queda de Albuquerque e a <i>grande soltura</i> de Soares de Alber- garia	92
O golpe de 1518 e o canto de cisne do imperialismo manuelino.....	112
O reinado de D. João III	123
Os Portugueses no Japão	143
As circunstâncias do primeiro contacto	145
A missão dos jesuítas e o contacto permanente.....	153
As impressões recíprocas.....	162
Uma janela para o mundo.....	175
A história da espingarda e dos espingardeiros	182
<i>Epílogo</i>	197
<i>Fontes e bibliografia</i>	199
<i>Notas</i>	215

Prefácio

Quando entrei para a primeira edição do mestrado de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, na FCSH — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1984, eu e os meus colegas tínhamos uma área de estudos quase virgem ao nosso dispor. A historiografia era escassa, muito focada numa história positivista das navegações, das conquistas e das missões, ou do comércio, e alimentava uma discussão ideológica e entediante sobre a grande causa que motivara o início do processo, ignorando todos que Zurara, no célebre capítulo VII da *Crónica da Guiné*, enunciara cinco razões, complementares e articuladas, para que o infante D. Henrique tivesse iniciado a demanda. Ou seja, a questão estava respondida há mais de cinco séculos. Era, além disso, uma historiografia extremamente dependente das crónicas, em que muitos autores defendiam acerrimamente a versão de um cronista contra a de outro com a mesma feitura com que se discute futebol, como demonstrei a propósito dos navios e dos capitães da armada da Índia de 1500¹. Colectâneas organizadas entre os anos quarenta e os anos setenta, como, por exemplo, os *Descobrimentos Portugueses* de João Silva Marques, os *Monumenta Henricina* de Dias Dinis, os *Monumenta Missionaria Africana* de António Brásio, a

Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente, dos padres Silva Rego (Índia) e Artur Basílio de Sá (Insulíndia) ou os *Documenta Indica* de José Wicki, eram pouco exploradas, ou mesmo ignoradas, pela maioria dos autores que se debruçavam sobre a Expansão Portuguesa. Tampouco as dinâmicas locais, fosse a organização política ou económica dos povos, fossem as próprias características das civilizações ultramarinas, eram consideradas na análise das opções tomadas pelos portugueses, pois preponderava uma historiografia eurocêntrica de pendor colonialista. Há quarenta anos, despontava, contudo, uma outra visão que privilegiava o estudo dos povos ultramarinos como forma de compreender a acção dos portugueses, e que realizava uma análise sistemática da documentação disponível, possibilitando, assim, uma nova percepção dos acontecimentos, agora vistos de um modo mais complexo e livre tanto dos interesses dos cronistas como dos filtros que eclipsavam os agentes ultramarinos.

Um exemplo claro da importância desta compreensão dos acontecimentos a partir das dinâmicas dos outros encontra-se nos resultados da acção missionária, que vem especialmente a propósito pois uma das missões mais bem-sucedidas do século XVI foi a do Japão, que é o tema deste livro. Com efeito, no País do Sol Nascente os religiosos baptizaram centenas de milhares de nipónicos em meio século, enquanto na Indochina não passavam de poucos milhares; a diferença não estava na actuação dos missionários, formados nas mesmas escolas, mas antes no fundo religioso das populações, pois enquanto o Budismo Mahayana, dito do Grande Veículo, seguido pelos japoneses, era permeável ao Catolicismo, o Budismo Theravada, ou do Pequeno Veículo, maioritário na Indochina, era praticamente impermeável². A grande cristandade nipónica de que se fala neste livro é, pois, muito mais o resultado de uma predisposição das populações do arquipélago japonês do que do mérito dos missionários, afinal tão diligentes no Japão,

como no Sião ou nos reinos hindus ou nos sultanatos em torno do Golfo Pérsico. Este modo de ver as coisas não era praticado, como se percebe lendo autores como Charles Boxer, mas começou a ser desenvolvido na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa a partir de 1984.

Sob o impulso de Artur Teodoro de Matos e de Luís Filipe Thomaz, bem secundados por Luís de Albuquerque e Jill Dias, os alunos das duas primeiras turmas desse curso de mestrado, que iniciaram os estudos em 1984 e 1986 respectivamente, enveredaram por uma especialização em áreas geográficas, desde o Brasil até ao Japão, e as dissertações apresentadas nos anos seguintes reflectiram essa nova abordagem, pelo modo como o estudo da presença dos portugueses em cada região se iniciava com uma resenha da história dos povos dessas mesmas regiões, tal como havíamos começado por estudar o passado dessas populações antes de analisarmos a sua interacção com os portugueses. Nessa altura, escolhi o Japão como a minha área de especialização. Por sugestão de Luís Filipe Thomaz, tinha escrito quatro entradas para o *Dicionário Ilustrado de História de Portugal* em torno da presença portuguesa no Extremo Oriente Asiático e o tema despertou-me interesse. Seduziu-me, além disso, a abrangência que esta escolha implicava — para compreender bem as relações luso-nipónicas, tinha de perceber primeiro como é que os portugueses aí chegaram em 1543, 128 anos depois da conquista de Ceuta, 109 anos depois de Gil Eanes dobrar o cabo Bojador, 45 anos depois de Vasco da Gama avistar a Índia pela primeira vez ou 30 anos depois de os primeiros oficiais da coroa terem desembarcado na China. O primeiro estudo reeditado neste livro evoca precisamente essa longa jornada, desde os primórdios da Expansão até ao momento em que, definitivamente, o extremo ocidente e o extremo oriente da Eurásia se tocaram e se descobriram mutuamente, o que possibilitou, ademais, a descoberta da complexidade do planeta e das suas criaturas pelos japoneses. Há um ano, em Setembro de